

Organização
José Francisco Meirinhos
Paula Oliveira e Silva

AS DISPUTAÇÕES METAFÍSICAS
DE FRANCISCO SUÁREZ

ESTUDOS E ANTOLOGIA DE TEXTOS

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
2011

**AS DISPUTAÇÕES METAFÍSICAS DE FRANCISCO SUÁREZ
ESTUDOS E ANTOLOGIA DE TEXTOS**

Organização: José Francisco Meirinhos / Paula Oliveira e Silva

Capa: Fábrica Mutante

© Autores e Gabinete de Filosofia Medieval / FLUP

Ed. da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Edições Húmus, Lda., 2011

Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V. N. Famalicão

Telef. 252 301 382 Fax: 252 317 555

humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda. – V. N. Famalicão

1.^a edição: Dezembro de 2011

Depósito legal: 338223/11

ISBN: 978-989-8549-35-8

TÁBUA DE CONTEÚDO

<i>Ao leitor, sobre a Metafísica como ciência humana</i> , José Meirinhos	VII
Colaboram neste volume	XV

ESTUDOS

Paula Oliveira e Silva <i>As Disputações Metafísicas nas encruzilhadas da razão ocidental</i>	3
--	---

I – A CIÊNCIA 'METAFÍSICA'

Costantino Esposito <i>'Habere esse de essentia sua'. Francisco Suárez e a construção de uma Metafísica barroca</i>	33
--	----

Adelino Cardoso <i>Identidade entre essência e existência: Significado de uma tese suareziana</i>	53
--	----

Ángel Poncela González <i>Ens realis et realitas objectalis: La determinación suareciana del objeto de la Metafísica</i>	65
---	----

Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento <i>A subalternação das ciências e sua não aplicação à relação das demais ciências com a Metafísica</i>	91
---	----

José Jivaldo Lima <i>Os sentidos de 'substância' e 'acidente' na Disputação Metafísica XXXIX de Francisco Suárez</i>	99
---	----

II – TRANSCENDENTAIS

Paulo Faitanin <i>De unitate individuale eiusque principio. Francisco Suárez y el principio de la unidad individual de la sustancia</i>	115
--	-----

Santiago Orrego <i>Distinctio: Los «géneros de distinción» – Su sentido e importancia en la ontología de Suárez</i>	135
--	-----

Paula Oliveira e Silva <i>Que significa ‘verum’ no conhecimento? O conceito de veritas cognitionis na Disputação VIII, Secções I e II</i>	173
Roberto Hofmeister Pich <i>O transcendental verum na Disputatio VIII, 7, das Disputationes Metaphysicae de Francisco Suárez</i>	205
III – CAUSALIDADE	
Marta Mendonça <i>Causas contingentes e causas livres – o determinismo de Suárez na Disputatio XIX</i>	231
Cruz González-Ayesta <i>Duns Scotus’s Influence on Disputation XIX</i>	257
Manuel Lázaro Pulido <i>Comentário a la Disputatio XXV: Causalidad ejemplar</i>	293
ANTOLOGIA das Disputações Metafísicas	
Razão e percurso de toda a obra. Ao Leitor	323
Proémio	327
Disputação I, seção I	329
Disputação I, seção V	351
Disputação V, seções I, II, III, V, VI	355
Disputação VII, secção I	433
Disputação VIII, secções I a V	457
Disputação VIII, seções VII e VIII	497
Disputação XXXI, secção III	535
Disputação XXXIX, secção I	541
ÍNDICES	
<i>Autores Antigos, Medievais e do Renascimento</i>	555
<i>Autores Modernos e Contemporâneos</i>	559
<i>Índice temático de Francisco Suárez</i>	563

AO LEITOR, SOBRE A METAFÍSICA COMO CIÊNCIA HUMANA

Francisco Suárez começa as *Disputações de Metafísica* com um aviso ao leitor onde explica as razões e a intenção de toda a obra¹. Avisos como este servem para captar a benevolência do leitor, como a retórica clássica ensina, mas Suárez usa-o sobretudo para justificar e anunciar o que se vai encontrar na obra. Com modéstia desculpa-se perante os leitores de outra obra que então publicava, o comentário sobre a IIIª parte da *Suma de Teologia* de Tomás de Aquino, que interrompeu porque sentiu que qualquer teólogo de pensamento sustentado precisa da Metafísica como seu fundamento firme, razão que o levou a empreender esta obra em que, como teólogo cristão, desce ao terreno da Filosofia natural para compreender os conceitos mais gerais de que a Teologia revelada precisa para aspirar a apresentar-se como ciência. Sabemos que Tomás de Aquino escreveu comentários sobre várias obras de Aristóteles enquanto redigia a *Suma de Teologia* (entre 1265 e 1274, ano da sua morte), para aprofundar os fundamentos filosóficos do que nela ia tratando. Por sua vez Suárez interrompe o seu comentário à *Suma* porque se convencera que a «teologia divina e sobrenatural requeria esta humana e natural», na qual pretende tratar dos princípios que, escreve, servem «para a confirmação das verdades teológicas», posição que repete também no curto Proémio das *Disputações*². É também aí que assevera que esta obra sobre a «sabedoria natural» resulta de uma profunda reelaboração que recupera e completa o que ensinara há muitos anos, quando jovem. É pois uma obra de conteúdo longamente amadurecido que, mesmo assim, confessa ter-lhe tomado mais tempo que o que pensava dedicar-lhe. Suárez, teólogo de profissão que escreve sobretudo para estudiosos de Teologia, não procede como teólogo, mas como filósofo («in hoc opere philosophum ago»), filósofo cristão, que se obriga a não transgredir os limites da razão natural, para compreender a Metafísica na sua máxima amplitude e rigor.

¹ *Ratio et discursus totius operis ad lectorem*, ver tradução nas pp. 323-325. Cita-se a tradução neste volume e a edição latina de referência: F. SUÁREZ, *Opera omnia* tomi 25-26: *Disputationes metaphysicae universam doctrinam duodecim librorum Aristotelis comprehendentes*, Editio nova. Ed. C. BERTON, apud L. Vivès, Paris 1861, vol. 25, pp. iniciais não numeradas 5*-6*).

² *Prooemium*, ver tradução nas pp. 327-328 (Suárez, *Opera Omnia*, vol. 25, cit., p. 1a-b).

Como o título da obra o deixa bem explícito, Suárez não se satisfaz com uma ciência que ainda se limite a repetir ou comentar a obra homónima de Aristóteles³. É que a exegese pode ajudar na compreensão do texto, ou a preparar para as questões discutidas nos cursos, mas essa via de análise parece-lhe já insuficiente. A insistência de Suárez no método e na clareza da pesquisa é bem explícita e faz parte das suas convicções filosóficas profundas: «sempre julguei que uma grande força, para entender e examinar a fundo os assuntos, reside em investigá-los e avaliá-los com o método adequado (*in eis convenienti methodo inquirendis et judicandis*)»⁴. De entre os métodos que a tradição escolar consagrara, o mais adequado não lhe parece o comentário, mas a disputação, que considera mais adaptada ao objeto em estudo, à concisa brevidade, à própria sabedoria revelada (cfr. final do Proémio). Daí resulta uma refundação estrutural da Metafísica como ciência, que os estudos mais recentes têm interpretado de modo divergente, mas sublinhando em crescendo a sua importância para a formação do pensamento Moderno, através de uma releitura pessoal das diferentes aproximações da escolástica medieval à Metafísica, das quais Suárez pretende extrair uma formulação unitária. Abandonando a ordem literária da obra de Aristóteles, a Suárez interessa sim um método bem ordenado que assenta na consideração do «objeto, ou matéria da qual esta ciência trata» (início da *Disp. I, Varia*). Ainda Suárez: «julguei que seria mais adequado e útil, observando a ordem da doutrina, inquirir e propor ante os olhos do leitor tudo o que pode ser investigado e desejado sobre todo o objeto desta sabedoria»⁵. De um modo discreto mas bem sublinhado em vários pontos das *Disputações*, Suárez desloca o centro estruturador da disciplina, transferindo-o da obra de Aristóteles para a consideração sistemática do seu objeto, que explicitamente identifica: o ente enquanto ente, ou a razão de ente (*Disp. II*). E, sempre no aviso ao leitor, explica que trata a noção de ente longamente no primeiro tomo das *Disputações*, dedicado também às propriedades (*Disp. III-XI*) e causas do ente (*Disp. XII-XXVII*), consideração das causas que lhe exige minuciosa discussão em razão da sua grande dificuldade e utilidade para a Fi-

³ O título completo *Metaphysicarum disputationum in quibus et universa naturalis Theologia ordinate traditur et quaestiones ad omnes duodecim Aristotelis libros pertinentes accurate disputantur pars prior* (vol I), *pars posterior* (vol. II) sublinha bem as duas vertentes da obra, quer o tratamento ordenado de todas as questões relacionadas com a Teologia natural (i.e., a própria Metafísica), quer a cuidadosa apresentação das questões relativas aos 12 livros da *Metafísica* de Aristóteles, que na sua divisão tradicional integra de facto 14 livros.

⁴ *Ao leitor*, cfr. trad. p. 324.

⁵ *Ao leitor*, cfr. trad. p. 324.

losofia e a Teologia. Explica também que no segundo tomo trata de modo especial as divisões do ente, começando pela divisão entre incriado e criado (Disp. XXVIII-XXIX), para depois descer desta divisão primigénia a todas as outras divisões de género e graus de ente que cabem na ciência Metafísica: Deus (Disp. XXX), o ente finito (Disp. XXXI-XXXII), a substância (Disp. XXXIII-XXXVI), os acidentes (Disp. XXXVII-XXXVIII), os nove géneros supremos de acidente (Disp. XXXIX-LIII), o ente de razão (Disp. LIV).

Em razão da minúcia e complexidade analítica, as *Disputações* ultrapassam em muito a dimensão da *Metafísica* de Aristóteles. E afastam-se dela pelo conteúdo, desde logo porque Suárez considera que a obra de Aristóteles tem partes aporéticas, ou históricas, ou repetidas que são de pouca utilidade e podem ser dispensadas⁶. Também ultrapassa Aristóteles porque, para compreender as partes úteis, se vale de toda a tradição comentarística, reintegrando a obra e o legado do Estagirita numa construção orientada sobretudo pelas posições de Tomás de Aquino⁷, mas tantas vezes divergindo do próprio Aquinate. Nas suas disputações, que não são um texto exegético, Suárez propõe-se sim estudar «as coisas mesmas» na sua razão de ente, transformando a Metafísica em algo que alguns designam como ontologia (ou onto-teologia, como a tradição heideggeriana prefere designá-la), termo ainda muito novo e que Suárez nunca usa.

Não apenas por convicção filosófica, Suárez sente de modo profundo esta tensão de dependência e afastamento em relação à obra de Aristóteles. Na tradição escolar das Faculdade e Colégios de Artes e dos *studia* das ordens religiosas, a *Metafísica* era um dos cursos nucleares, o ápice da formação filosófica e o verdadeiro prolegómeno para a formação em Teologia. A obra tinha que ser lida e comentada passo a passo e com ela se alimentava uma longa cadeia de questões em que mestres e discípulos treinavam o uso de argumentos e conceitos. Ora, é justamente essa vertente didática e

⁶ «Naquilo que diz respeito ao texto do filósofo nestes livros da *Metafísica* algumas das suas partes são de pouca utilidade, ou porque propõe diversos problemas e dúvidas que deixa por resolver, como acontece em todo o livro III, ou porque expõe e refuta apenas as posições dos filósofos antigos, como em quase todo o livro I e em grande parte dos outros facilmente se pode constatar, ou porque repete ou resume o que já dissera em livros anteriores, como se constata no livro XI e em outros», F. SUÁREZ, *Disputationes*, Disp. II, *Ordo* (F. SUÁREZ, *Opera Omnia*, vol. 25, cit., p. 64a-b).

⁷ «No que diz respeito às partes úteis, dignas e que é necessário conhecer, esforçaram-se muito na explicação do que se contém na letra de Aristóteles vários comentadores gregos, árabes e latinos, dos quais principalmente usaremos a exposição de Alexandre de Afrodísias, de Averróis e, entre todos, sobretudo de Tomás de Aquino», Idem, *ibidem*, p. 64b.

escolar que Suárez, como diz no aviso aos leitores, quer também contemplar prestando-lhes o serviço de publicar como última parte da obra um completíssimo índice, que servirá para compreender e memorizar tudo o que Aristóteles tratou na *Metafísica*, relacionando-o com as questões que habitualmente se discutem sobre cada passagem⁸.

É esta parte final das *Disputationes* que se liga mais diretamente à tradição comentarística da *Metafísica*⁹, cuja sùmula máxima estava então em curso de publicação por Pedro da Fonseca, mestre em Coimbra e também Jesuíta. Em 1557 publicara o primeiro volume do que viria a ser uma magna e erudita edição da *Metafísica*¹⁰. Esta incluía a edição crítica do texto grego a partir da colação de manuscritos e edições impressas, acompanhada de uma tradução latina que o próprio Suárez usaria e considerou a mais elegante de todas a ponto de quase dispensar explicação¹¹. O texto latino e a tradução em colunas paralelas eram acompanhadas em pé de página por um nutrido e pormenorizado comentário passo a passo do texto de Aristóte-

⁸ *Ao leitor*, cit., cfr. trad. p. 324 (F. SUÁREZ, *Opera Omnia*, vol. 25, cit. p. 6*).

⁹ Na edição original o *Index locupletissimus in Metaphysicam Aristotelis* está publicado no final da obra, mas em diversas edições será colocado no início (cfr. F. SUÁREZ, *Opera Omnia*, vol. 25, cit. pp. I-LXVI), acompanhado de outros índices que denotam o cuidado dos editores em oferecerem esta obra como um instrumento de trabalho para o estudo da *Metafísica* como ciência (*Index disputationum et sectionum*, cfr. Suárez, *Opera Omnia*, vol. 25, cit. pp. LXVII-LXIII), da *Metafísica* enquanto obra de Aristóteles (cfr. o referido *Index locupletissimus*) e das *Disputationes* como acesso às obras de Aristóteles (*Index Philosophicus*, cfr. Suárez, *Opera Omnia*, vol. 26, cit. pp. 1087-1091) e à *Suma de Teologia* de Tomás de Aquino (*Index Theologicus*, cfr. Suárez, *Opera Omnia*, vol. 26, cit. pp. 1092-1094), para além do *Index rerum praecipuarum* no qual se elenca como e onde nas *Disputationes* cada conceito é tratado (cfr. F. SUÁREZ, *Opera Omnia*, vol. 26, cit. pp. 1042-1091).

¹⁰ *Commentariorum Petri Fonsecae Lusitani (...) in libros Metaphysicorum Aristotelis Stagiritae* tomi quatuor: *Lib. I-IV* no vol. I, publicado em Roma 1577; *Lib. V* no vol. II, Roma 1589; *Lib. VI-IX* no vol. III, Évora 1604; *Lib. XI-XIV* no vol. IV, Lyon 1612; reed. Georg Olms, Hildesheim 1964 da edição de Colónia publicada em 1615-1629.

¹¹ «(...) legantur expositores, et praesertim Fonseca, cujus translatio tam est elegans et dilucida, ut fere sine expositore a quovis intelligi possit (leiam-se os comentadores, em especial Fonseca cuja tradução é tão elegante e clara que, quase sem comentador, pode ser compreendida por qualquer um)», F. SUÁREZ, *Disputationes Metaphysicae*, em *Index locupletissimus in Metaphysicam Aristotelis*, I, VII. Embora dependente da tradução de Fonseca, Suárez por vezes prefere seguir outras traduções do período humanístico, cfr. J. DOYLE (Introd., ed. e trad.) em Francisco SUÁREZ, *A Commentary on Aristotle's Metaphysics: A Most Ample Index to the Metaphysics of Aristotle (Index Locupletissimus in Metaphysicam Aristotelis)*, Marquette University Press, Milwaukee 2004, pp. 9-10. Quando Suárez publicou as *Disputationes* ainda só estavam publicados os dois primeiros volumes dos *Comentários* de Pedro da Fonseca, mas, como sublinhou John Doyle na mesma obra, não é improvável que Suárez tivesse acesso à totalidade da tradução, que poderia circular manuscrita entre os mestres da Companhia de Jesus.

les, concluindo cada capítulo com a discussão das questões habitualmente tratadas sobre cada capítulo, muitas delas já distantes da letra de Aristóteles, e onde Fonseca expressa um pensamento fortemente devedor das posições de Tomás de Aquino, mas com a autonomia de pensamento suficiente para dele se afastar sempre que lhe parecesse necessário. Fonseca é um exímio editor que alia a erudição filológica, à minúcia do historiador do pensamento, à elevação especulativa, numa obra de grande complexidade e que exige ao seu autor anos de trabalho esforçado, que não terminará em toda a sua extensão. O segundo volume foi publicado em 1589, o terceiro e o quarto são de publicação póstuma, em 1604 e 1612, com o último volume contendo apenas a edição do texto grego, a tradução latina e o comentário (comentário que também já não existe para os livros XIII e XIV), mas sem questões. Os *Comentários* exercem seguramente influência em Suárez, com a estrutura das suas *disputationes* próxima da das *quaestiones* discutidas por Pedro da Fonseca. Mas com diferenças definitivas: Suárez secundariza o texto de Aristóteles e reorganiza a Metafísica em torno da discussão do seu objeto, a noção de ente, e respetivas divisões e acidentes, procurando dar-lhe uma estrutura de ciência sistemática autónoma. Suárez procura convicto a (re)construção sintética e sistemática da inteira disciplina da Metafísica, ainda com extensa dependência de Aristóteles e do peripatetismo, mas separando radicalmente o exercício escolar de assimilação do conteúdo da obra de Aristóteles, do trabalho de meditação que se afasta da letra de Aristóteles e da doutrina dos seus comentadores.

A dupla reorientação posta em prática por Suárez tem profundas consequências. Obriga a reconsiderar a natureza e utilidade da Metafísica como Ciência, o que Suárez faz na *Disputação* I. Mas que ciência é esta? É uma *ciência natural*, juntamente como a Matemática e a Física, como Aristóteles as tinha classificado na própria *Metafísica* e toda a tradição medieval afirmara sem hesitações. Suárez entende a Metafísica como o fundamento para a autonomia das ciências, em razão dos respetivos métodos e objetos de estudo, não como uma ciência geral ou uma ciência de tudo, pois nenhuma ciência de aquisição humana poderia abranger tudo o que é cognoscível segundo a sua razão própria (cfr. *Disp.* I, 2, 24). Para Suárez a Metafísica é uma *scientia humana*, não apenas por contraposição à *scientia divina* ou *revelata*, mas sobretudo pelo modo de aquisição por via da operação intelectual e porque considera o seu objeto segundo a abstração que lhe é adequada. Como o intelecto se ordena para o conhecimento e se realiza quando alcança o mais perfeito dos conhecimentos, conclui Suárez, fiel ao finalismo aristotélico, que «a um intelecto humano perfeitamente disposto, não pode faltar esta ciência» (*Disp.* I, 2, 14). Vai ainda mais longe ao contrapo-

la com a física (filosofia da substância material) ou com a ciência dos seres vivos, para a afirmar como uma ciência humana indispensável ao edifício dos saberes enquanto ciência universal e primeira: «(...) a ciência humana (chamemos-lhe assim), considerando os vários graus e as várias razões de ente, é necessário que considere a razão comum de ente. Do mesmo modo, se se ocupa de várias substâncias e de vários acidentes, é necessário que considere as razões comuns de substância e de acidente, e isto não o consegue senão por esta ciência universal e primacial»¹². Ainda por outra razão a Metafísica é a ciência humana mais eminente, porque eleva o homem ao seu mais perfeito grau de felicidade natural, «a contemplação das coisas mais elevadas», remetendo para a posição de Aristóteles na *Ética a Nicómaco*, X, 7¹³.

A coerência e novidade da obra contribuirão para um novo interesse pela Metafísica enquanto ciência do ente e fundamento da totalidade das ciências. A discussão em curso abria já pontos de rutura com a tradição escolástica e propiciava a emergência de outros questionamentos e de novas soluções para os problemas da Filosofia. Uma frase discreta do Proêmio, que tem por função reforçar a importância e caráter fundamental da Metafísica, deixa a descoberto um dos pontos de ataque da filosofia moderna. Quando Suárez escreve no Proêmio «se for retirada a ciência e o conhecimento perfeito daqueles [princípios e verdades da metafísica], é necessário que também a ciência destes [discursos e conclusões teológicos] seja abalada em excesso» está involuntariamente a apontar para o ponto frágil, como se assim esconjurasse as veleidades dos que quisessem atacar por aí. A dificuldade vinha de muito longe, mas de refundação em refundação do edifício metafísico, a filosofia moderna confrontar-se-á totalmente com esta possível inviabilidade da Metafísica, de onde resulta, como anuncia Suárez, mas contra a sua pretensão, a impossibilidade de fundamentar a Metafísica como ciência e, pior ainda, de a tomar como fundamento de todas as ciências. A crítica dos fundamentos da Metafísica colocará definitivamente em crise o projeto escolástico de uma ciência metafísica, na qual assenta a própria ciência teológica. Transformada de ciência natural em ciência humana, doravante a Metafísica procurará nas próprias condições de conhecimento do sujeito um fundamento para a sua possibilidade, não só enquanto filosofia primeira, mas também enquanto fundamento crítico de toda a possibili-

¹² F. SUÁREZ, *Disp.* I, 2, 14 (cfr. F. SUÁREZ, *Opera Omnia*, vol. 25, cit. p. 17).

¹³ F. SUÁREZ, *Disp.* I, 2, 16 (cfr. F. SUÁREZ, *Opera Omnia*, vol. 25, cit. p. 18) e toda a secção 5 da *Disp.* I onde se discute a Metafísica como Sabedoria.

dade de conhecer a sabedoria última possível ao homem. Descartes ou Kant são dois exemplos do novo percurso para a Metafísica enquanto filosofia primeira e ciência da possibilidade do conhecimento humano. Também nesse sentido Suárez é uma via de entrada na modernidade. Não é em vão que Suárez se inquieta a chamar a atenção do leitor para as novidades da sua obra.

O presente volume explora alguns dos pontos chave das *Disputações de Metafísica* de Francisco Suárez em torno de três temas, pondo em paralelo os estudos e a tradução de excertos, após a Introdução por Paula Oliveira e Silva, que situa a obra no seu contexto, projeto, estrutura, recepção e bibliografia crítica. Na primeira parte, sobre “A ciência Metafísica”, Costantino Esposito escreve sobre a Metafísica como ciência e o projeto de Suárez, Adelino Cardoso trata a questão da identidade entre essência e existência (cfr. trad. *Disp.* XXXI, 3), Ángel Poncela regressa ao problema do objeto da Metafísica (cfr. a trad. de *Disp.* I, 1), Carlos Arthur Nascimento escreve sobre a subalternação das ciências (cfr. trad. de *Disp.* I, 5) e José Jivaldo Lima trata os sentidos de substância e de acidente (cfr. trad. de *Disp.* XXXIX, 1). Quatro estudos integram a parte dedicada aos “Transcendentais”: Paulo Faitanin escreve sobre a *unitas* (cfr. trad. *Disp.* V, 1-3, 5-6), Santiago Orrego Sánchez sobre a *distinctio* (cfr. trad. *Disp.* VIII, 1), Paula Oliveira e Silva e Roberto Pich escrevem sobre o *verum* (cfr. trad. *Disp.* VIII, 1-5). A última parte é dedicada à “Causalidade”, com estudos de Marta Mendonça sobre as causas contingentes e as causas livres, de Cruz González-Ayesta sobre a influência de Duns Escoto na discussão das causas necessárias e das causas livres, de Manuel Lázaro Pulido sobre a causalidade exemplar. Trata-se pois de uma introdução à metafísica de Suárez através da discussão de um conjunto seleto de temas que procuram oferecer uma via de entrada para o conjunto das *Disputationes*, cuja leitura se pretende estimular e facilitar com a tradução de excertos significativos.

Este volume integra-se nas atividades do projeto *Iberian Scholastic Philosophy at the Crossroads of Western Reason: The Reception of Aristotle and the Transition to Modernity*, PTDC/FIL-FIL/109889/2009, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (investigador principal J.F. Meirinhos e no qual Paula Oliveira e Silva é investigadora central e responsável pela área de Metafísica). A obra de Suárez apresenta-se e tem sido revalorizada recentemente como uma obra inovadora e de charneira entre a escolástica e a Modernidade, por isso estava identificada desde o início como um dos focos de análise, retomando assim os trabalhos que Paula Oliveira e Silva vem desenvolvendo nos últimos anos e que foi o principal esteio deste

volume, que assenta quase por inteiro no seu labor e interesse pela Metafísica. A primeira etapa da preparação volume foi o Seminário Internacional de Investigação *Questões de Metafísica – As Disputationes Metaphysicae de Francisco Suárez*, que decorreu na Faculdade de Letras da Universidade do Porto entre 25 e 27 de Janeiro de 2010. Aí se reuniu a equipa de trabalho, foram apresentadas e discutidas as versões preliminares dos estudos que constituem a primeira parte desta obra e foi discutida e partilhada a metodologia para a realização da tradução de partes significativas das *Disputationes*, que se incluem como segunda parte do volume. Pretende-se que a metodologia e os resultados alcançados tenham continuidade, nomeadamente traduzindo algumas das mais significativas das *Disputações* de modo a torná-las disponíveis aos leitores de português.

Estando envolvida uma equipa de investigação e de tradução constituída por portugueses e brasileiros foram tomadas duas decisões quanto à ortografia: 1) adotar o mais recente acordo ortográfico da língua portuguesa; 2) manter as grafias próprias dos países dos tradutores. Poderá ser considerada ausência de uniformização que no mesmo volume a mesma palavra surja com duas grafias, mas pareceu-nos que era preferível respeitar a validade dos modos de escrever português no país de cada autor. A uniformizar, um dos dois modos de escrever teria que ser substituído por outro, o que redundaria em artificialismo arbitrário.

Para conhecimento dos leitores, devemos também expressar o nosso agradecimento a quantos tornaram possível a preparação e a publicação deste volume. Ele não seria possível sem o contributo da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, tendo sido possível recorrer a vários dos seus programas para a realização do colóquio, a preparação do volume e agora a publicação. Em primeiro lugar a obra deve-se a quem nela publica o seu trabalho e também a todos quantos no Gabinete de Filosofia Medieval do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto intervieram em alguma das suas fases. Entre todos destacamos Patrícia Teixeira que com paciente eficiência e pontualidade acompanhou todas as fases desta edição, em particular a revisão, paginação e preparação de índices.

José Francisco Meirinhos

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto
IP do projeto PTDC/FIL-FIL/109889/2009*